

Os jovens e sua contestação

As urnas de 15 de novembro finalmente acertaram as contas do povo brasileiro com aqueles que teimavam em fazê-lo objeto passivo de suas articulações muitas vezes sem ética. Desse ponto de vista, a revolução pelo voto, iniciada em 1960 com a eleição do sr. Jânio Quadros — e frustrada sete meses depois — não só ganhou novas forças como teve maior impacto sobre as velhas estruturas políticas do que aquele provocado há 29 anos. O triunfo do sr. Fernando Collor de Mello num Estado como o de São Paulo é desse fato a melhor prova; e feitas as ressalvas de ordem doutrinária, pode dizer-se que a colocação do sr. Luís Inácio Lula da Silva em segundo lugar indica tendência idêntica do eleitorado, a afastar-se dos esquemas tradicionais, que nada mais significam.

Sem exagero, chega-se à conclusão de que os que fizeram da Política o reinado do erro, da mentira e da empulhação já não dão mais as cartas — por mais que as antigas regras do jogo, que custam a ser enterradas apesar de mortas, induzam lideranças vitoriosas a procurar acordos partidários como se vivêssemos nos tempos em que as comissões diretoras decidiam e o eleitorado dizia amém, como boi de presépio. O erro, a mentira e o logro estão afastados, na medida em que as posições se tornam meridianas. Há outro fator importante a assinalar no resultado do 15 de novembro: os velhos deixaram de ter vez e são os jovens, trazendo consigo a ilusão da juventude, mas também o seu entusiasmo e seu compromisso com o futuro, que tomam posição para assumir a direção dos acontecimentos.

Da perspectiva meramente demográfica, o País, que é jovem, elegeu os candidatos jovens. Uma análise mais ampla mostra que este mesmo país jovem deitou abaixo as ideologias no sentido acanhado

em que foram apresentadas até dez anos atrás, e preferiu o pragmatismo. As propostas dos dois candidatos assemelham-se no que têm de pragmático, aproximando-se em alguns casos da impetuosidade própria dos que julgam que a vontade possa governar as coisas. Pela primeira vez na história recente do Brasil, às argumentações teóricas e às ideologias já vencidas, contrapõe-se a vontade de modernizar o Brasil. Ninguém está a salvo de que o 15 de novembro possa vir a constituir-se numa grande *journée de dupes* para uns e para outros (como a eleição de Menem o foi para os peronistas ortodoxos). De qualquer maneira, porém, o que se pode dizer é que se delineiam as condições para que o Brasil possa adentrar a modernidade, que sacode o Velho Mundo.

Talvez seja esta a lição mais relevante do pleito que acaba de encerrar-se: o Brasil começa a reconhecer que o mundo deverá ser moderno, sempre moderno, ou se quisermos, repetindo Roger Rosenblat em artigo que publicamos domingo último, que “a mudança é nossa tradição, e não há outra opção a não ser tirar o melhor partido dela”. O Brasil que surgirá das urnas a 17 de dezembro deverá saber tirar as conclusões adequadas do voto de 15 de novembro e erigir o moderno em meta a ser conquistada para ajustá-la às nossas condições de vida.

Os jovens desempenharão papel de relevância nessa adequação do moderno às nossas mais caras tradições; afinal, elas não desapareceram todas, como por milagre, e subsiste a tradição da necessidade de defender as liberdades públicas contra o assalto dos totalitários. Por serem jovens, serão contestadores — e o grande desafio a ser enfrentado pela próxima Presidência será o de interpretar, no sentido positivo, a contribuição da juventude da

população brasileira e o da contestação que nela está implícita. Também nesse particular, o Brasil se integrou no mundo moderno que começa a nascer na Europa Oriental. Quando se lêem as declarações de Erich Hahn, ideólogo do Partido Socialista Unificado (comunista) da Alemanha Oriental, a nosso enviado especial William Waack, que se conclui? Que lá também a juventude levou de vencida as antigas estruturas: “Nós não sabemos entender que o comportamento dos jovens e sua contestação são coisas mais complicadas do que pensávamos. No Leste e no Ocidente, a nova geração não quer mais saber de utopias, nem de sistemas. São processos do pós-moderno que não compreendemos muito bem”.

Na Europa pode tratar-se do pós-moderno; no Brasil, no entanto, o comportamento dos jovens e sua contestação são fenômenos do moderno. É preciso compreendê-los e nos adaptarmos a eles. Resalte-se, por outro lado, que tendo varrido de cena as antigas estruturas, o movimento político triunfante a 15 de novembro não criou outras para absorver as energias daqueles que querem mudanças. O PT cuida apenas de uma parte deles — a maioria, porém, esses 21 milhões de brasileiros que reclamam o fim das utopias e dos sistemas, como influirão no processo pós-março de 1990? Pelas velhas e carcomidas elites partidárias, derrotadas no pleito popular, mas que ainda conservam poder no Congresso em decorrência do estelionato de 1986?

O anseio de modernidade triunfante em 15 de novembro necessita encontrar as instituições em que se espelhar; do contrário, o Brasil corre o risco de uma grande decepção. É preciso estar atento às velhas raposas, que foram batidas, mas não morreram.